

1914

Copyright 1894 by Deane, Clément & Co

FAZENDO O HAMILETE.

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O RECLAMO

N.º 322 Lisboa, 23 de Maio de 1910

ASSINATURA: PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HISPANIA

ANNO 1894-1910 — Semestre, 20000 réis
Trimestral, 12000 réis

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GREGO

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
zição e Impressão: *W. Faernow*, 42



S. M. a Rainha Maria de Inglaterra
A nova soberana do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda
e Imperatriz das Indias
(Photographia pertencente a S. M. a Rainha Senhora D. Amelia)

EDUARDO VII. O PACIFICADOR



O rei Eduardo VII não foi nem um artista nem sequer um mediocre amator das artes. Foi acima de tudo um politico. A unica coisa que o interessava, mesmo quando herdeiro presumptivo, era a politica internacional. E ella levava-o, como uma amante dominadora, a ter curiosidades que ás vezes conduziãr longe.

O gentleman real, o arbitro das elegancias, que estava habituado, mesmo incognito, a um pouco de



O rei Eduardo revestido dos attributos da realeza



Os reis de Inglaterra no dia da coroação
(1902)

etiqueta, por causa da politica almoçou um dia com Gambetta, então presidente da camara dos deputados de França e que lhe appareceu de jaquetão e botas por engraxar. Ao começo houve um certo retrahimento da parte do principe, depois, pouco a pouco, deixou-se encantar pela palavra maravilhosa do tribuno e até o convidou para ir no junho d'aquelle anno, 1881, assistir ás corridas de Ascot.

Em Kempton Park encontrou Boulanger. Este não lhe fez impressão. O habil politico, que era esse elegante principe de Inglaterra e dos sports, farejou o aventureiro n'aquelle idolo do burguez parisiense tão militarista e tão decorativo.

Eduardo VII adorava os costumes simples, os homens calmos e os sinceros.

De Felix Faure, dizia, sorrindo, que lhe faltava a simplicidade; Loubet era por elle muito querido e Clemenceau muito admirado.

A republica franceza não o escandalisava e nem podia ferir-o o character demo-





Eduardo VII
 1—Com o uniforme russo, 2—Com o uniforme de generalissimo, 3— Com o uniforme de almirante das esquadras de Inglaterra.

cratico do paiz. Só não comprehendia — e isso estava ainda no mesmo espirito das suas instituições livres dentro da monarchia — as luctas religiosas que havia na França. Queria mais tolerancia; liberdade para todos.

Foi sobretudo a essa alta idéa de tolerancia, a essa educação característica do seu povo que Eduardo VII deveu o seu grande espirito

conciliador. As nações não se entendiam; o orgulho d'uma desejava mostrar-se ao lado da ganancia da outra; as diferenças de raças, os limites de fronteiras nas colonias; as tradições de territorios annexados, tudo isso que fazia e continúa a fazer com que a Europa se arme, o rei soube, se não calar ao menos baixar de diapaso, mantendo em respeito, com a sua palavra, os canhões que alguns paizes desejavam mostrar nos campos de batalha.

Chamaram-lhe o pacificador. Realmente nun' a um soberano teve no mundo uma acção tão pacifica e tão difficil de preencher. A Russia d'onde partiu a idéa da paz universal, quando dentro do dominio do czar não se podiam calar as revoltas, mettera-se n'uma tomentosa guerra, fôra acordar para o concerto dos grandes povos o leão japonês que ella



julgava dormindo à sombra dos seus pagodes, mas que estava desperto a exercitar as suas garras; a França, sempre tão generosa para os ideaes, não podia esquecer as suas velhas tradições militares e que nos Invalidos dorme o somno da gloria o conquistador da Europa e sobretudo da Allemanha, onde agora um imperador não desiste de imitar Frederico o Grande. A Italia preparava-se sempre; a Austria franzia o sobrecenho ante a Bosnia e a Herzegovina; a Turquia sentia-se prestes a arremetter com a Bulgaria; a Hespanha anciosa desejava liquidar velhas contas em Marrocos e sobre tudo isto, na sua ilha, que tem por braços os mares a agarrarem pedaços de imperios nas cinco partes do mundo, o velho principe, tornado soberano, dominava com o sorriso calmo e bondoso que lembrava muito o do presidente Loubet.

Em 1880, já elle aconselhava lord Churchill a ir á Russia, dizendo: «Ha entre a Inglaterra, a França e a Russia cousas mal entendidas que devem desaparecer.»

A' volta quiz saber o que se passara com, a impressão de que os primeiros contactos pessoas tivessem preparado uma acção politica, o que devia



Um dos ultimos retratos de Eduardo VII



Eduardo VII, amigo dos Povos e dos Reis
 Grupo tirado em Windsor, em novembro de 1907, onde se vêem com o rei e a rainha de Inglaterra o imperador e a imperatriz da Alemanha, o rei e a rainha de Hespanha, a rainha de Portugal sr.^a D. Amélia e a rainha da Noruega.

realisar-se em menos de dez annos do seu venturoso reinado.

Quando subiu ao throno estava accesa a guerra anglo-boer. Os soldados inglezes iam obtendo victorias que um diplomata sarcastico devia mais tarde dizer serem devidas á cavallaria de S. Jorge, mas, apesar de tudo, no dia seguinte ao da sua acclama-

ção, Eduardo VII dizia aos ministros alguns dos quaes eram contrarios á paz:

—Os boers são *gentlemen*; é como *gentlemen* que os devemos tratar. — A paz fez-se; o Transvaal teve um parlamento; o principe de Galles, hoje Jorge V, foi visitar Pretoria e recebeu as acclamações dos inimigos de ha poucos annos. Tudo isto foi





Uma assembléa de soberanos

Celebre grupo tirado em Windsor, em novembro de 1907, durante as visitas dos imperador da Alemanha, reis de Hespanha, rainha de Portugal e rainha da Noruega aos reis de Inglaterra

No primeiro plano: Rei Eduardo, infanta Isabel de Hespanha, princesa de Baifenberg, grã-duquesa Wladimiro, rainha de Portugal, duquesa d'Aosta, princesa da Saxonia. No segundo plano: Princesa real Augusta Carolina, duque de Connaught, rainha da Noruega e o principe Olavo, imperador da Alemanha, princesa de Galles, hoje rainha de Inglaterra, princesa Patricia, principe de Galles, hoje Jorge V, rei de Hespanha, imperatriz da Alemanha, principe Arthur de Connaught, rainha Alexandra, grã-duque Wladimiro, rainha de Hespanha, duquesa de Connaught, princesa Victoria, principe João da Saxonia.

devido á acção persistente e bondosa, ao mesmo tempo, do rei que a Inglaterra pranteia.

A Alemanha era o paiz mais refractario á acção do rei Eduardo.

Guilherme II, com o seu espirito militar, homem de cem uni fornes, amigo de revistas, de paradas, de espectaculos onde manobram legiões de hussards, sonhou tambem ser o arbitro do





Quatro gerações

Esta photographia reúne a rainha Victoria, o rei Eduardo, o rei Jorge e o actual príncipe de Gales, futuro Eduardo VIII



1—Em Biarritz. 2—Em Balmoral
3—Automobilista

mundo; não admittia por isso de boamente que tal papel coubesse ao rei Eduardo, a um elegante de sorriso burguez, a um homem que preferia a sobrecasaca á farda de marechal, o ar grave á attitude marcial e que, tendo a esphera terrestre nas dragonas dos seus officiaes e nas platinas dos seus soldados como um distinctivo, parecia sorrir amigavelmente a esse mundo em vez de o olhar como um dominador.

Pois Eduardo VII nunca franziu o sobr'olho ao irrequieto imperador e quando Pi-

chon fez o tratado franco-allemao relativo a Marrocos, o soberano inglez disse a um dos seus amigos:

— E' uma excellente politica. E' muito sabia essa resolução. E' necessario que a França e a Inglaterra estejam muito bem juntas, mas não contra uma terceira nação seja ella qual fór.

A França para elle era uma paixão. Vivera muito no *boulevard*, mas vira bem a politica d'esse paiz. Não se esquecia que fôra amigo intimo do duque d'Aumale mas não sacrificava a essa amizade a sua maneira de vêr liberrima sobre a republica florescente.

Um dos seus sonhos consistia na alliança dos dois paizes inimigos seculares. Só um rei, que tivesse, como elle, passado em França as mais agradaveis horas da vida e sido baptisado pela imprensa como o mais parisiense dos príncipes, podia tentar com exito essa approximação. Não era já a velha ferida aberta no orgulho militar francez, toda essa larga lucta de Napoleão contra a ilha inacessivel aos seus exercitos; a epopeia do bloqueio; a guerra



Uma pose militar



O melhor retrato de Eduardo VII

A physionomia de intelligencia, de nobreza e de bondade, do fallecido rei de Inglaterra é dada na presente photographia com uma exactidão absoluta

acessa no mundo que a impediam. Já não era o corso collocado no seu rochedo em Santa Helena, preso e fazendo rir os soberanos reintegrados nos thronos que elle lhes tirára. Não eram já os aliados ás portas de Paris a restabelecerem uma dynastia. Iam longe essas causas; a historia apreciára-as; o bonapartismo morrera com Napoleão o Pequeno. Estava, porém, ainda a sangrar a questão de Fashoda. Mas Eduardo VII não se amedrontou. A Inglaterra para demais era impopular pela guerra boer; a França aproveitava

a occasião de clamar contra os senhores dos mares, contra a sua rival. Pois o rei, recentemente aclamado, n'aquella epoca de tumulto, foi a Paris. Era o começo; era o primeiro passo.

A cidade vira-o passear a pé, entrar nos seus cafés, rir nos seus theatros; soubera das suas phrases nos bastidores, d'uma bengala que offerecera ao actor Febvre da Comedia Franceza, mas não imaginára no seu traje official esse principe que lhe parecera tão folgasão. O amigo do *boulevard* poderia passear, mas o rei d'Inglaterra, que fazia guerra aos boers, não. Seria assobiado. Eduardo VII sorria com o seu eterno sorriso calmo. Era na primavera de 1903. O rei fardado com o seu bello uniforme vermelho, com o chapéu de plumas brancas, ao lado de Loubet, na car-

ruagem de gala, atravessou o bosque de Bolonha, saudando militarmente a multidão, que apenas clamava deante da escolta dos couraceiros: Viva o exercito!...

Não o assobiaram como succedeu a Affonso XII quando voltára da sua visita á Allemanha; apenas saudaram os couraceiros; e Eduardo VII, ao lado d'esse bom velho Loubet, que Lisboa viu sorrir e ficou amando, lá tranquillo com o seu plano na mente.

Começou um periodo de real amizade entre os dois paizes e foi a Inglaterra que sempre teve occasião de dar as suas provas. A sua diplomacia sustentou a França na conferencia de Algeiras; a alliança da Inglaterra com a Russia, alliada dos francezes, mais juntou os dois paizes rivaes seculares.

Ao mesmo tempo a pouca sympathia dos inglezes pelos allemães ligava a França aos homens d'além Mancha. Isto emquanto á republica franceza.

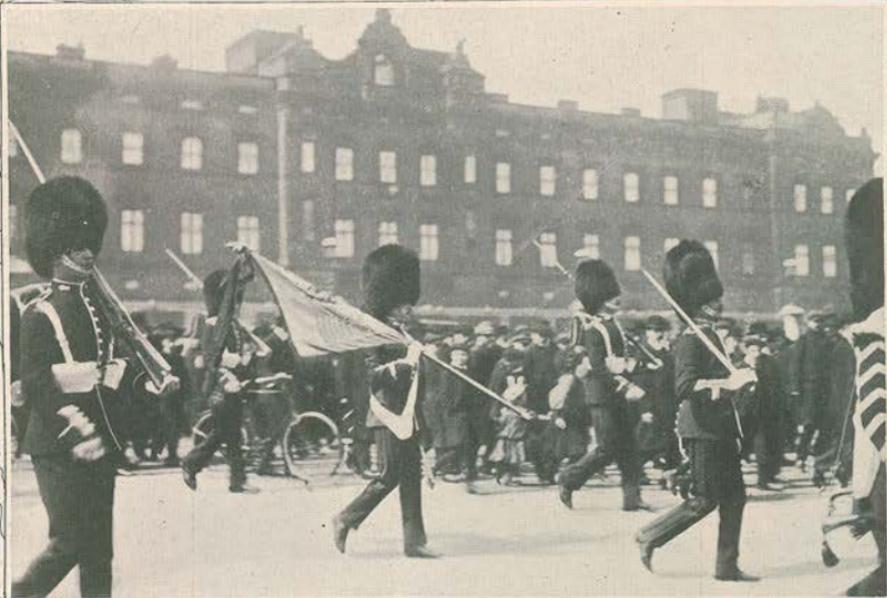
Mas a obra do rei Eduardo VII como pacificador foi completa. A Italia ia a desagregar-se pouco a pouco da triplice alliança e a Inglaterra, alliada do Japão, sorria-lhe, procurava as suas sympathias, tudo porque esse singular soberano, senhor d'um imperio onde nunca se põe o sol, queria a paz á sombra da qual vive o progresso.

Foi realmente o trabalho d'um grande diplomata coroado. Não foi facil, todavia, a tarefa.

Para ella contou com a sua sympathia pessoal e com as suas largas vistas. O *gentleman*, que com o seu sorriso calmo, conquistava as amizades com galanteios, sem jámais abandonar esse sorriso, manteve no mundo a paz que talvez em breve se turbe, porque as nações irrequietas não terão já a contel-as a bonhomia do rei arbitro das elegancias, que, em vez de fazer faiar os seus canhões, fazia prodigios com a



1—Eduardo VII com o uniforme dos granadeiros da guarda.
2—O rei Eduardo e os fundadores do Imperio Britannico, entre os quaes o actual rei Jorge V, o duque de Connaught, Lord Roberts, Lord Rosebery, Lord Kitchener, Lord Beresford, Lord Churchill e Chamberlain.



O regimento da guarda real, deira, desfilando deante do palácio real ou rei Eduardo

sua diplomacia, obtendo assim o papel de supremo arbitro da paz.

Roosevelt, esse homem que espan-ta a Europa, com as verdadeiras que sahem dos seus labios, o disse: O seu tacto, o seu seguro julgamento e sobretudo a sua bondade inexgotavel, tinham-no designado especialmente para trabalhar pela paz internacional e pela justiça.

Ainda quando principe, observava escrupulosamente os meios politicos com uma apparente indifferença de supremo elegante, o sorriso a brincar-lhe nos labios mesmo nas crises mais graves como quando, em 1900, o anarchista Sipido, disparou sobre elle dois tiros de revolver em Bruxelas.

As suas sympathias para o nosso paiz não as occultava; comprazia-se mesmo como, chefe, d'uma potencia forte n'essa alliança secular que vinha desde o periodo em que os superiores eramos nós e ao falar na Associação Commercial, quando da sua visita a Lisboa, disse que uma das suas mais queridas aspirações era a inte-

com um laço de crepes na bandeira de Buckingham, onde mor- (Chické World's Graphic Press)

gridade e defeza dos territorios e colonias respectivas.

O seu amigo mais intimo era o ministro de Portugal em Londres, o sr. marquez de Soveral, e como tal o unico diplomata que passava o Natal — a grande festa inglesa — em Sandrigham; foi tambem o companheiro da sua convalescência a bordo do yachth real, o ultimo estrangeiro que Eduardo VII recebeu e o primeiro que viu no seu leito de morte.

Portugal tinha tambem uma grande sympathia por esse soberano de que sabia as amecdotas de turbulento principe, que Lisboa vira passar no periodo da mocidade entre dois officios do exercito inglez da India, com os seus turbantes e os seus rostos abaçanados, e seguiu sempre com o maior interesse a sua politica. No tempo da guerra do Transvaal toda a nossa alma ia para esses luctadores da Africa do Sul; povo de heroes que defendia o seu lar, a sua vida, a sua integridade e



O rei Eduardo com o uniforme de general em chefe dos exercitos britannicos

quando os
ingleses se
batiam o povo por-
tuguez, seu alliado
não estava com
elles.

De subito Eduardo
VII sóbe ao throno.
Vem a clemencia,
chega a epoca da
paz. Não ha mais
sangue; os transvaa-
lianos são tratados
como merecem. Sur-
ge a aurora da paci-
ficação e então o vul-
to do rei de Ingla-
terra apparece mais
sympathico do que
nunca aos olhos que
derramavam lagri-
mas de justa alegria
dos seus alliados. O



pacificador
apparecia.
i Da liquidação sul
africana feita como
um exemplo para os
seus subditos e para
o mundo é que sa-
hiu o resto, essa obra
que se outras vanta-
gens para o futuro
não trouxesse, teria
ao menos conserva-
do tranquilllos os
exercitos que varias
vezes estiveram em
riscos de se mobi-
lisarem.

A própria guerra
russo-japoneza, que
se fez após a allian-
ça do Japão com a
Inglaterra, não des-
mancha o lado sa-



1—*Rei morto e Rei posto.* Eduardo VII e Jorge V de Inglaterra
2—*Eduardo VII sportsman*



O rei Eduardo VII no seu leito de morte
(Desenho de Luke Tilds feito em 8 de maio no Palacio Buckingham)





...tou, mas deteve-se. Não se atreveu. Mais uma vez a paz reinou na Europa. Chegou a crise balkanica, o velho tropeço de todas as combinações diplomaticas. A Bulgaria proclamou a sua realeza. A Austria, fazendo parte da Triplice, quiz ainda oppôr-se. Todos esperavam um gesto da Alemanha, mas não se deu esse movimento e o soberano da Bulgaria visitou o czar entre aclamações: este, por sua vez, vai á Italia e na entrevista de Raccogioni parece ficar amigo de Victor Emmanuel. Desde que a Italia se desligue da Triplice, a Alemanha e a Austria, no centro da Europa, terão que se submeter a essa paz estremeçada, como a mais segura garantia da felicidade dos povos, tentada por Eduardo VII, que bem mereceu o nome de Pacificador, ao dizer calmamente, em Sandringham, no dia seguinte ao da morte da rainha Victoria: —Os boers são gentlemen como gentlemen os devemos tratar.

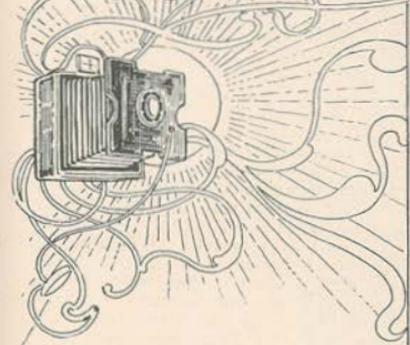
liente do grande pacificador. Era inevitavel essa lucta. A Russia estendia-se em demasia pelo Extremo-Oriente; ia tendo uma enorme expansão commercial n'aquella região. D'este modo regressou á Europa novamente; deixou-se d'esse sonho onde buscava fortalecer-se e onde só encontrou luctas e lançou-se mais do que nunca para a sua alliaça, a França, que desde as primeiras derrotas dos exercitos do czar se voltára um pouco para a Inglaterra. D'este modo o Japão, alliado da Gran-Bretanha, que por sua vez tinha a *entente cordial* com a França tão ligada á Russia, não poderia vir perturbar a ambicionada quietação.

A Alemanha buscava fazer face a isto com a sua triplice alliança, já em pouca conta pelo lado italiano; creou a questão de Marrocos para palpar o que seria esse entendimento da Inglaterra com a França, desde que a Russia enfraquecera pela lucta. Ten-



1—A descendencia da rainha Victoria
2—O arcebispo de Canterbury, primaz da igreja ingleza, que assistiu aos ultimos momentos de Eduardo VII

A EXPOSIÇÃO DE PHOTOGRAPHIA ARTISTICA NO SALÃO DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA



A inauguração da exposição de photographia moderna, que se realisou em 16 de maio no salão da *Illustração Portuguesa*, foi, além d'um successo, uma verdadeira surpresa. O grupo iniciador d'essa nova forma de photographia artistica em Portugal e que é composto pela sr.^a D. Maria da Conceição Lemos de Magalhães e pelos srs. Affonso Lopes Vieira, Julio Worm, Alfredo Black e dr. Annibal Bettencourt viu ultrapassados os seus desejos com os exemplares que lhe foram enviados, alguns d'uma tal belleza que encantam, como quadros d'uma arte onde a verdade tem uns leves

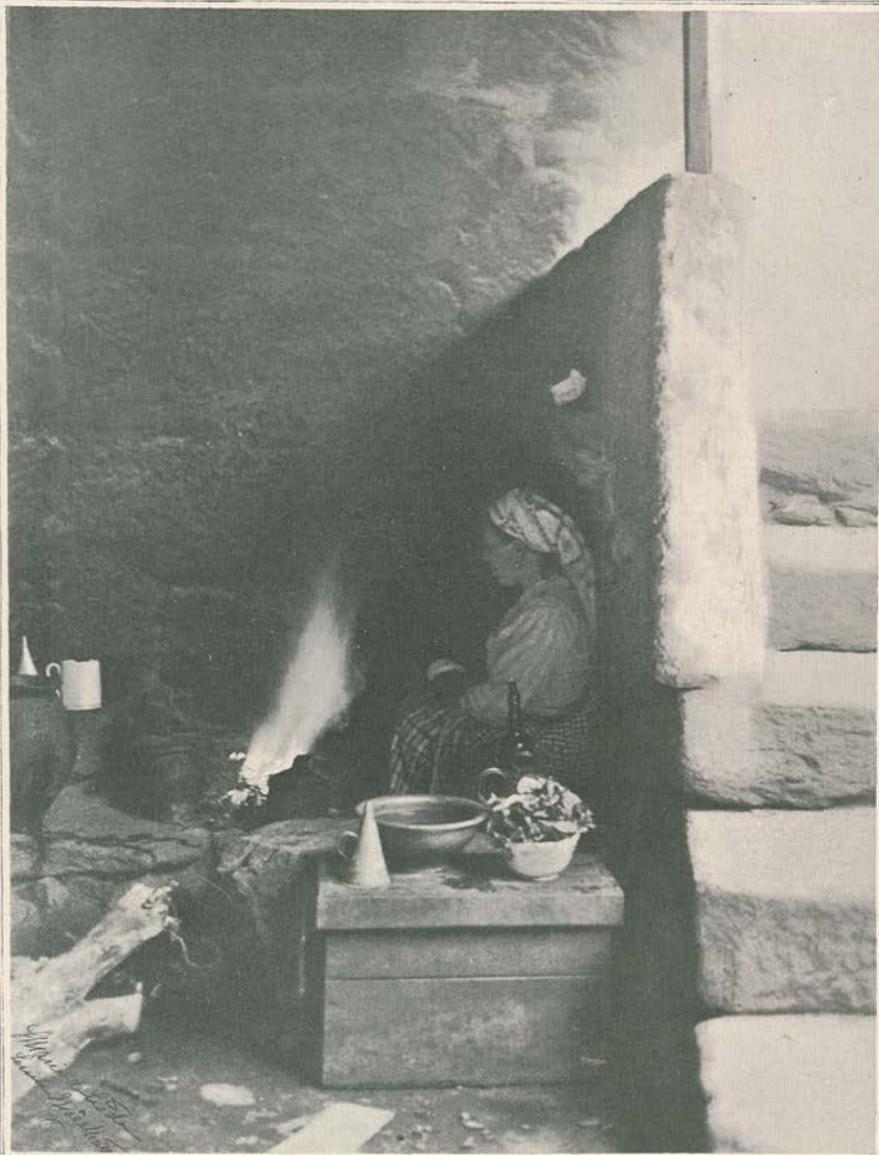


tons de phantasia que a torna singularmente linda.

O que é a photographia moderna disse-o já nas paginas d'esta revista o illustre poeta Lopes Vieira. E' a revolta contra o Preconceito n'essa arte, revolta fatal que sempre se dá tanto na litteratura, como na pintura, como na escultura consagradas pelo meio e que um dia se pretendem transformar. Havia regras, maneiras, convenções; procurava-se acima de tudo o documento e isso banalisava de tal forma a arte



1—*Vaccas pastando*, photographia do sr. José Barcia. 2—*Tres companheiros*, photographia do sr. M. Feijão.
3—Photographia do sr. M. Feijão.



Lar transmontano, photographia da sr.^a D. Maria da Conceição de Lemos Magalhães

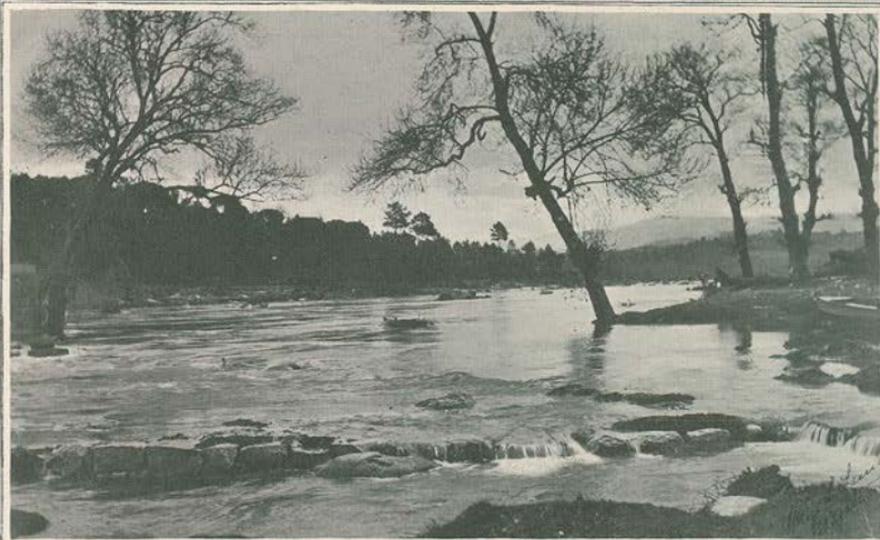
photographica como se um romancista realista pintasse detalhe a detalhe, sem esquecer um só pormenor, isto repetidamente, os dias do protagonista da sua obra, sem procurar a forma artistica de o fazer surgir, mexer-se, viver

como se vive, poupando todavia o leitor ás vulgaridades.

A photographia moderna, se não obedece á regra, tem pelo menos o condão de ser muito mais interessante, curiosa e artistica. As figu-



Trecho de Aveiro, photographia do sr. Alfredo Black



Tarde de inverno, photographia da sr.^a D. Maria da Conceição Lemos Magalhães



Na eira: photographia da sr.ª D. Maria da Conceição Lemos Magalhães

ras não nos apparecem com aquella chateza que foi característica durante annos dos retratos de *montre*, pasmados uns, graves os outros, todas ou quasi todas as figuras com o ar de saberem que estavam sendo photographadas; estas, pelo contrario, apparecem com as suas attitudes naturaes, mas com um não sei quê de bello, sendo mais intensas, accusando mais artisticamente as fórmas. Dá-se o mesmo com as paizagens, os edificios, as arvores, os arbustos que se tornam estranhos, são um alto attractivo para a vista.

N'esta exposição vê-se isso em larga escala e sobretudo nos trabalhos da sr.ª D. Maria

da Conceição Lemos Magalhães, onde ha photographias que lembram soberbas aguas-fortes ao lado d'outras que são mimos de leveza.

As suas photographias são quadrinhos e nota-se, além da sua maneira artistica, a sabia escolha do assumpto. São sempre trechos da vida do povo nos campos, mulheres na labuta, na eira, na ceifa, ou sentadas ás lareiras; ou então barcos vareiros que surgem sobre as aguas que essa senhora tão artista soube photographar n'um cachão n'outro *cliché* que é realmente encantador.

Destacam sobremaneira os seus trabalhos na exposição de que se pôde e deve falar como



Ceifeiras, photographia da sr.ª D. Maria da Conceição Lemos Magalhães



Ao fim do dia, photographia da sr.ª D. Maria da Conceição Lemos Magalhães

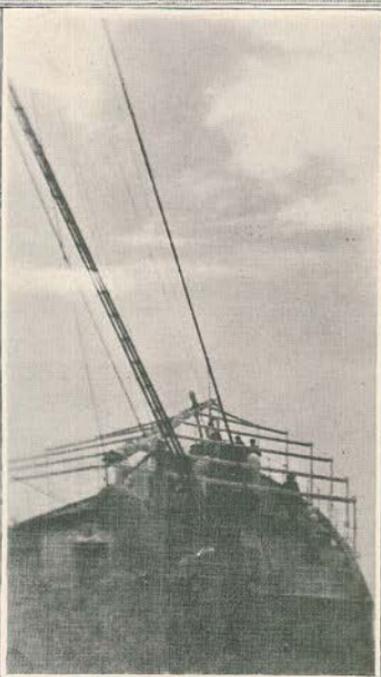


Nas portas de Coimbra, Bussaco, photographia do sr. M. Feijão

d'um certamen d'arte. pois analysando d'alto a baixo as paredes da sala sempre os nossos olhos fixam algum trecho surprehendente.

Outros trabalhos, tambem excellentes e fóra de concurso, como os da sr.^a D. Maria da Conceição Lemos Magalhães. em virtude de pertencerem a membros do grupo iniciador, são os do sr. Lopes Vieira, que já publicou alguns de grande merecimento na *Illustração Portugueza* e entre os quaes apparecia com uma cousa de belleza perfeita o que se intitulava *Sombra nas aguas*, os dos sr. Alfredo Black que apresenta, entre outros, uma magnifica photographia tirada em Aveiro, onde ha uns longes venezianos e que tem um grande cunho. As cousas do mar tentam-no e então são paquetes, barcas, trechos de docas, d'um curiosissimo aspecto; com o ar d'uma pequenina agua forte expõe tambem um rebanho de carneiros pastando no restolho das eiras. *Os Cliches*, do sr. dr. Annibal Bettencourt, são curiosissimas.

Uma das provas expostas consta d'umas simples paveias, mas de tal fórma ficou que tem uma nota d'exotismo, resahindo no fundo branco do papel; outra prova é um caminheiro, um desgraçado que palmilha as estradas, com o seu bernal a tiracollo, a face onde se vê todas as mizerias, o chapéu rôto. Tirada por outro processo, naturalmente ficaria a figura em toda a sua verdade, com a mesma mizeria, as mesmas características, mas não teria certamente aquella expressão bastante approximada da que se vê nas figuras de Gavarni. Os trabalhos expostos pelo sr. Julio Worm são deliciosos, de um alto relevo artistico e obrigam-nos a demorada attenção.



Photographia pelo sr. Jorge Monjardino



Photographia pelo sr. Camara Pestana

Isto emquanto aos trabalhos dos promotores d'esta exposição que foi uma verdadeleita surpresa; dos outros, que são numerosos e muitos d'elles bellos, teremos occasião de falar em successivas noticias.

O jury, composto pelos srs. dr. José de Figueiredo, distincto critico d'arte, Luciano Freire, o illustre pintor e secretario da Academia de Bellas Artes, Raul Lino, o architecto cultor de belleza, pela Liga da Educação Esthetica, João Coutinho, habilissimo photographo, e Arthur Barreto, um apreciador photographo amator, pela Sociedade Portugueza de Photographia, fez uma attenta selecção nas provas apresentadas, tendo todos os trabalhos qualidades apreciaveis. Certamente na exposição do anno proximo apparecerão mais *cliches* harmonisados totalmente com o programma da photographia moderna e successivamente se irá desenvolvendo o gosto por este genero de trabalhos d'uma surprehendente feição artistica que a maioria do publico não suspeitaria encontrar na photographia.

A exposição ahi está a demonstrar a verdade das affirmações feitas pelo grupo promotor, que merece todos os elogios por esta artistica iniciativa.



S. PEDRO E O VATICANO

CURIOSIDADES PHOTOGRAPHICAS

aboboda. Vive ali constantemente uma legião d'operarios trabalhando nos tectos do edificio, conservando aquella egreja secular, gente que não se vê, mas que lá anda nos telhados junto á immensa bola de bronze que remata a cupula e no alto da qual podem sentar-se dezeseis pessoas. A escada que conduz a essa monumental esphera tem dois metros e



Os aposentos do Papa vistos do terraço de S. Pedro

Em todo o mundo catholico ha egrejas de S. Pedro; umas são simples capellas, outras templos onde passam as multidões, mas nenhuma d'ellas é como a de S. Pedro de Roma, a cathedral monumentalesca que tem anjos na sua nave central da altura d'um homem e letras de dois metros de comprimento na sua famosa

meio de diametro. E' S. Pedro de Roma a maior egreja da Europa. A sua fachada mede cento e dezeseite metros de largura e cincoenta



A cathedral de S. Pedro durante uma cerimonia pontificia

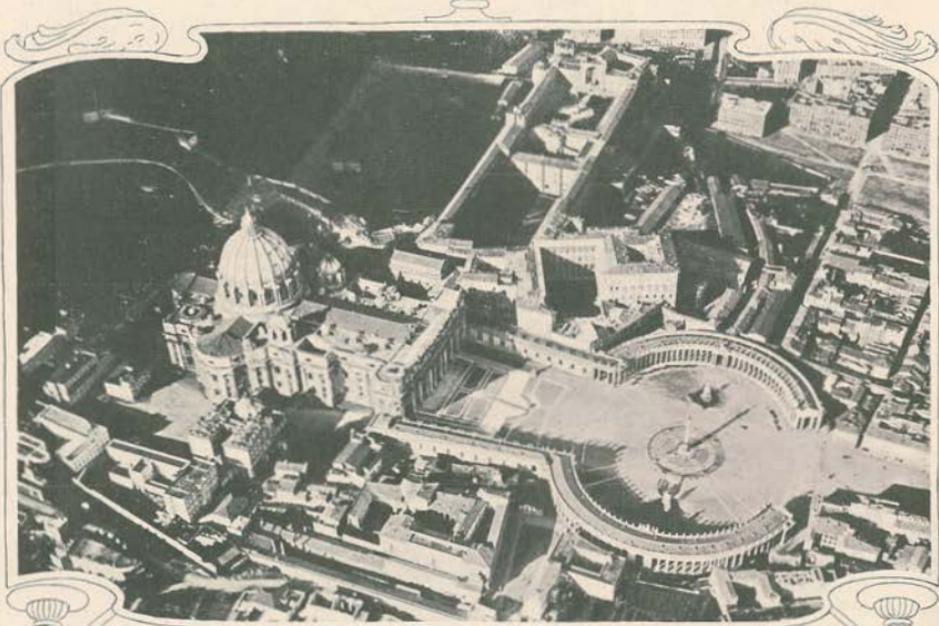
d'altura e cada uma das suas columnas vinte e sete metros d'altura; o interior do templo tem cento e oitenta e sete metros de comprimento e a nave central a largura de vinte e sete metros.

Aquelle logar onde trezentos annos depois da morte de Christo se ergueu o symbolico templo da sua fé fôra o circo de Nero. Ali se ouviram os gritos lancinantes dos primeiros martyres christãos á mistura com os rugidos das feras, de guellas vermelhas e garras afiadas, que os dilaceravam entre as aclamações da turba aloucada e os risos de senadores e patricias.

Nos telhados anda a turba de trabalhadores,

foram suspensos durante cincoenta annos ao fim dos quaes Julien Sangallo e Bramante os recommearam. Em 1514 é Raphael d'Urbino que com o seu magico pincel faz a obra maravilhosa desde os soberbos frescos aos cartões das tapeçarias da *Pesca Milagrosa* e de *S. Pedro*, que a *Illustração Portuguesa* já publicou. Quando o grande artista morreu, Balthazar Peruzzi continuou as decorações e em 1546 Miguel Angelo fez aquellas figuras gigantescas que lá se vêem e um novo desenho do zimbório que serviu aos seus successores para obterem o triumpho da belleza architectonica.

Foi Urbano VIII que em 1626, isto é mil e trezentos annos depois da sua fundação, consa-



A cathedra de S. Pedro e o Vaticano vistos de um dirigivel

mas no interior da igreja que multidões teem passado desde que ella existe? Ao lado fica o Vaticano e do terraço de S. Pedro, onde ha as doze estatuas monumentaes dos apóstolos, vê-se a fachada da morada dos papas, o logar onde reside Pio X, d'onde elle desce para os jardins, com o seu secretario, a olhar essa mole immensa de pedra que tem tão gloriosas tradições. Foi n'aquella cathedra¹ que Leão III coroou o imperador Carlos Magno. Grandes transformações tem soffrido esse templo celeberrimo. Em 1750, sobre as ruinas da primeira basilica, Nicolau V ordenou a Alberti e Rosellino novos trabalhos que

grou de novo a basilica, que custou cincoenta mil contos de réis e em cuja conservação se emprega por anno perto de quarenta contos.

O Vaticano é uma reunião de salas, capellas, galerias de diferentes epocas. Não tem exteriormente o menor caracter monumental mas visto, do alto é uma bizarra aglomeração com os seus tectos extranhos que abrigam o soberano pontífice. Dos terraços da cathedra se indicam os logares do palacio papal, os aposentos de Pio X e dos cardeaes palatinos, as antecamaras, as galerias, todas as dependencias d'esse vasto rectangulo á direita da basilica de S. Pedro.



O Vaticano a vol d'oiseau



O beijo no pé da estatua de S. Pedro

(Clichés de Abeniagar)

ARTES · E · LETTRAS



1—O sr. Antonio de Monforte
2—O sr. Sanches da Gama

E. SANCHES DA GAMA.—Auctor do poemeto *Na festa de Herculano*, que foi recitado no Lyceu de Coimbra por occasião do centenário do grande historiador.



ANTONIO DE MONFORTE.—O seu ultimo livro, *Tronco Reverdecido*, impôz no nosso meio litterario este poeta, um dos mais interessantes da actual geração coimbrã e que outros trabalhos já tinham tornado conhecido do publico.



M.^{lle} Felicidade Pereira, a distinctissima pianista discipula de Rey Colaço, que inicia hoje, no Real Conservatorio, a sua carreira artistica.



3—Augusto Bobone. 4—O maestro Francisco Codivilla.

AUGUSTO BOBONE.—Foi um dos mais distinctos photographos portuguezes o illustre artista que falleceu em 11 de maio. Tinha o curso de pintura da Academia de Bellas Artes; entrára muito novo na photographia Fillon de que se devia tornar proprietario fazendo d'ella o *atelier* artistico por excellencia, onde durante annos successivos a alta sociedade e todas as figuras de destaque do nosso meio foram posar diante da sua objectiva. Augusto Bobone deixou trabalhos magistraes que mereceram recompensas em varias exposições e alguns d'elles os leitores da *Illustração Portuguesa* tiveram occasião de vêr reproduzidos nas paginas da revista cedidos gentilmente pelo seu auctor sempre devotado a todas as manifestações da arte nacional, onde teve o seu logar de honra conquistado á custa de intelligencia, trabalho e perseverança.

MAESTRO FRANCISCO CODIVILLA.—O illustre professor de musica, que ha pouco realisou um concerto no salão da *Illustração Portuguesa*, tem uma carreira artistica das mais brilhantes, distinguindo-se perante o nosso publico durante os cinco annos que no theatro de S. Carlos trabalhou sob a regencia dos maestros Campanini, Lombardi, Gonta e Mancinelli.



A COMPANHIA DE ZARZUELA-DO THEATRO D.AMELIA



As tipos da companhia de zarzuela; Sentadas, Luiza Moscat, Eulalia Zabala. De pé, Josefina Eduarte, Amalia Campos, Pilar Martí, Encarnacion Alonso, Leonor Romero.
 2—Grupo da companhia de zarzuela (Clichés de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS



2—O sr. conselheiro Abílio Beça, morto desastrosamente na estação de Salsas, Bragança.

CONSELHEIRO ABÍLIO BEÇA—O chefe do partido regenerador de Bragança foi colhido pelas rodas do comboio na ocasião em que descia na estação de Salsas, falecendo momentos depois. A sua morte causou o mais profundo pesar e o seu funeral foi uma imponentíssima manifestação de saudade prestada por todas as classes sociais da cidade. O conselheiro Abílio Beça era também presidente da Câmara Municipal de Bragança e o distrito devia-lhe alguns dos seus mais importantes melhoramentos.



1—A corporação de bombeiros de Portalegre, que acaba de celebrar o 11.º aniversário da sua fundação.

3—Um aspecto do funeral do sr. conselheiro Abílio Beça, em Bragança.

4—Portugal p. Moçambique: Costumes populares da ilha de Santa Maria

PAZOS DE FUENTES NO
CAMPO PEQUENO



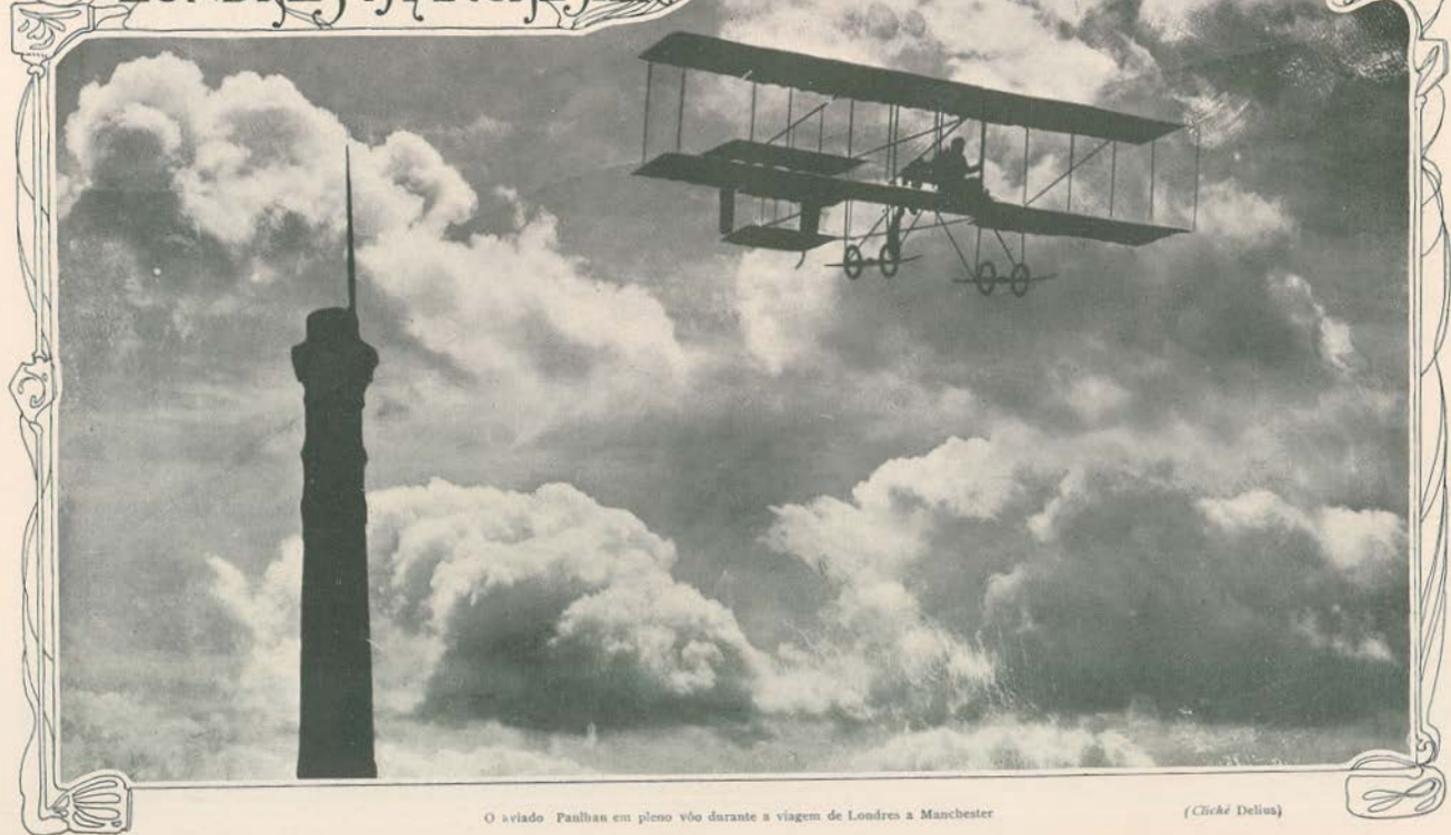
- 1—O espada Pazos pas sasado de muleta
- 2—Um desastre
- 3—Uma farpa de José Casimiro
- 4—Um par de bandarilhas de Fuentes
- 5—Uma boa vara





1—Um passe em redondo de Pazos. 2—Um passe por alto de Pazos
3—Pazos lanceando o touro. 4—Pazos simulando a morte do touro
(Clickés de Benoitel)

O RAID AÉRIO LONDRES-MANCHESTER



O aviado Paulhan em pleno vôo durante a viagem de Londres a Manchester

(Cliché Delius)

A INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BRUXELLAS



Um dos primeiros actos do reinado de Alberto I foi a inauguração da exposição universal de Bruxellas, grata ao espirito do soberano que mandou entrar nas

finanças do Congo o dinheiro pertencente á colonia e que estava no erario real. Essa exposição é d'uma assombrosa magnificencia; todos os paizes ali fizeram as suas installações, expuzeram os seus productos em palacios caracteristicos, entre os quaes se destaca o da Allemaoha. Só Portugal não tem ali representação; de balde se procura um canto onde esteja arvorada a nossa bandeira, onde officialmentese mostrem as produções do nosso paiz.



1—A inauguração official da exposição pelo rei e a rainha da Belgica na grande sala de festas. 2—Vista da cidade de Bruxellas;

N'um largo espaço, um circuito maravilhoso às noites com as suas mil luzes, os passeios, os jardins, as torres alteadas dão a nota d'uma cidade nova dentro d'essa outra cidade da industria e do commercio, capital d'um povo pequeno mas que o seu rei declara ter um largo futuro, confiado aos seus portos.

Ha coretos enormes onde tocam as bandas de musica atrojando os ares. Nos pavilhões apparecem os generos dos varios paizes, desde os mais exóticos aos de maior progresso, e o palacio belga é então todo de belleza com o seu portico monumental. os seus grupos allegoricos no alto, as grandes estatuas de marmore no arruado central, ornando a entrada. Ha n'essa exposição um trecho curioso onde se revive a velha Bruxellas flamenga, do periodo burguez, do ducado de Brabante. São as casas do antigo estylo, as lojas com as suas legendas, todo um aspecto evocador d'um passado triste d'essa nação feliz actualmente.

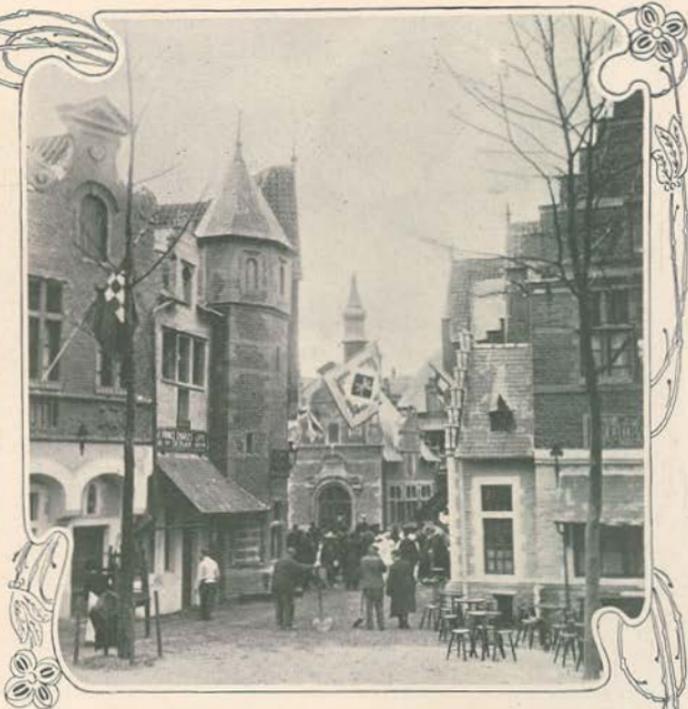
Ao sahir-se d'esse logar e ao passar-se para os pavilhões da exposição, julga-se ter saltado os seculos diante das machinas portentosas, das mobílias modernas, dos trajos dos passeantes, de tudo que se vê na monumental exposição bruxelleza.

Os pavilhões são maravilhas d'arte que abrigam as mais complicadas industrias, os mais activos ramos do commercio mundial e que se visitam com agradavel surpresa. Delineada com o maximo cuidado, posta em pratica com a mais ferverosa das attenções, dando logar a tudo, alargando caminho aos produ-

ctos de todos os povos, essa exposição tem a par do seu encanto artistico toda a grandeza d'um soberbo empreendimento.

Tambem os soberanos, ao inaugurarem esse certamen valioso, ouviram as aclamações retumbantes dos subditos encantados com essa affirmação de progresso a que Alberto I presta todo o seu apoio de rei verdadeiramente dedicado ás conquistas do nosso tempo.

O mundo que já fixára a Belgica com um certo



Trecho da reconstituição da velha Bruxellas



de uma das partes principais da exposição, vendo-se à esquerda o grande pavilhão da Belgica; ao fundo o pavilhão á direita a sala das festas



respeito ao vêr a sua grande expansão no Congo, ao vêr como o velho Leopoldo tallhára um imperio na Africa, agora, ante o fomento d'aquella nação, a paz que ali reina, a fôrma inteiramente moderna como o soberano encara todos os modernos problemas, detem sobre ella mais demoradas vistas. A ex-

posição de Bruxellas, inaugurada com tanto brilho, é um novo ponto de partida para o maior desenvolvimento do paiz.

E' o que attestam essas torres erguidas para o ceu, esses largos porticos, essas estatuas, todo o movimento que ella imprimiu á velha capital do ducado de Brabante.



1—O rei e a rainha da Belgica visitando a exposiçào.
2—O pavilhão allemão.

(Clichés de Delius)

**O COMETA DE
HAILEY**
PHOTOGRAPHADO EM LISBOA

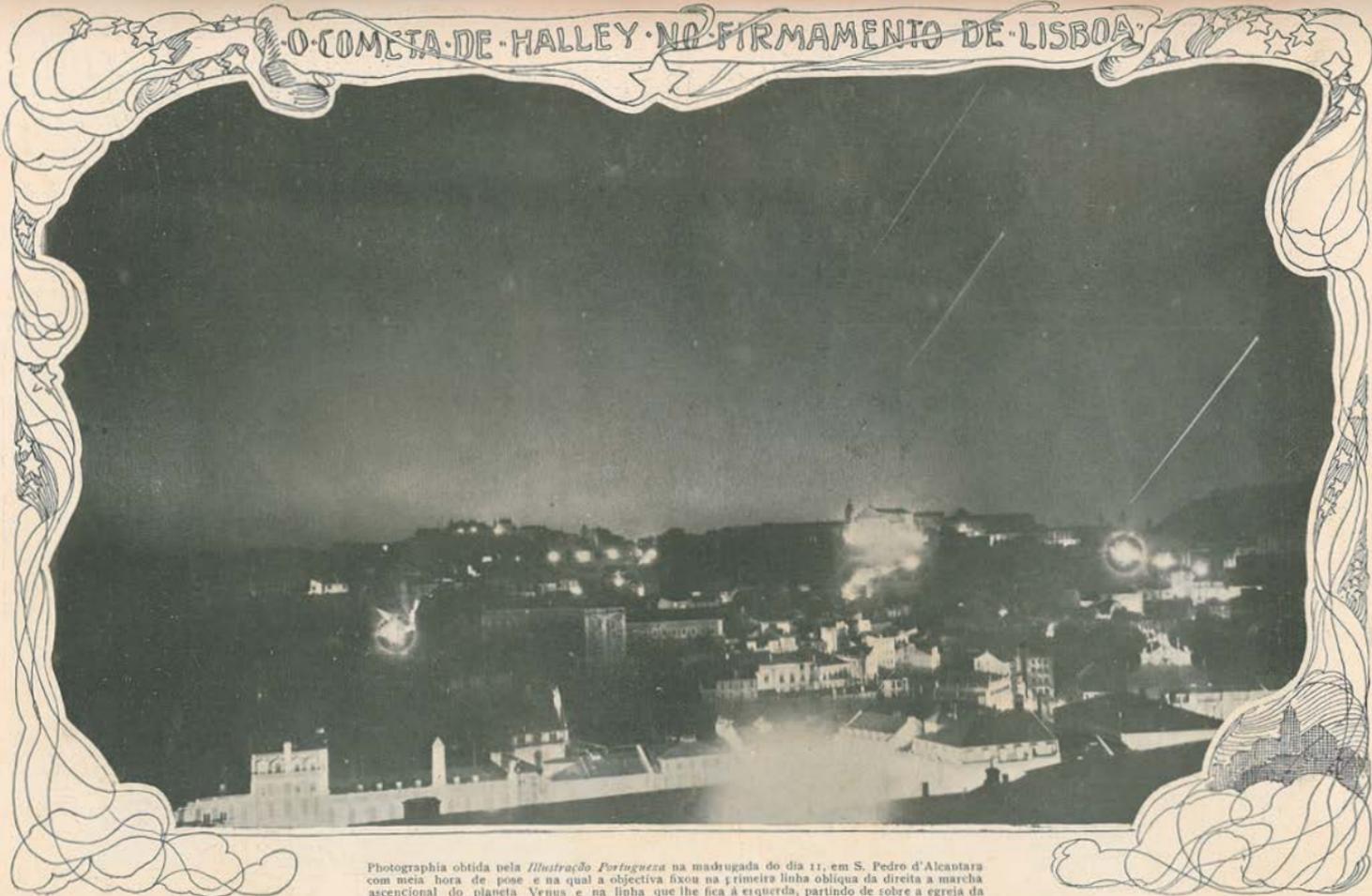
O cometa d'Halley, que de setenta e dois em setenta e dois annos visita a Terra, gerando sempre terrores, sem motivo e que, em 19 do corrente, mais uma vez surgiu na sua mais proxima passagem do nosso planeta desafiou as objectivas dos photographos e impressionou os seus *clichés*, alguns dos quaes, como os que re-produzimos, são na realidade curiosos.

Quando dentro em setenta e dois annos novamente o cometa d'Halley se annunciar a humanidade que talvez já não se apavore, terá n'estas gravuras uma documentação interessante que para a penultima apparição do cometa só se encontrava no boletim da Sociedade Astronomica de Londres.



Photographias obtidas pelo photographo amator sr. Carlos Mergulhão, em S. Pedro d'Alcantara, ás 3 horas e 38 minutos da manhã do dia 6

O COMETA DE HALLEY NO FIRMAMENTO DE LISBOA



Photographia obtida pela *Ilustração Portuguesa* na madrugada do dia 11, em S. Pedro d'Alcântara com meia hora de pose e na qual a objectiva fixou na primeira linha obliqua da direita a marcha ascensional do planeta Venus e na linha que lhe fica á esquerda, partindo de sobre a igreja da Graça, o cometa de Halley